



II MOSTRA UFFS

ENTRE O QUADRO E A MOLDURA: A ALIMENTAÇÃO COMO REGIME DE DESIGUALDADE

KORALEWSKI, R.¹

Duas mulheres jovens tomaram assento na mesa ao lado. Vestiam roupas esportivas, tinham corpos magros, eram brancas e artificialmente loiras. Seguindo seu trabalho, a garçonete perguntou o que desejavam consumir. “Filé ou frango?” “Filé”. Enquanto a trabalhadora acionava a discreta esteira de produção que transforma ingredientes em alimento-servido-em-pratos-elegantes, as mulheres seguiram o fio do diálogo estirado pelo cardápio. Ao passo que o alimento delas era preparado, as palavras que transbordavam aquela mesa já ofereciam um aperitivo. “Preciso *bater* os macros de hoje, com esse filé *bato* as proteínas”, comunicava uma à medida que a outra descrevia quais tipos de produtos proteicos consome diariamente. Na busca pela massa muscular, o linguajar acadêmico das mulheres do café não faz parte da academia que baseia esse trabalho, todavia oferece pontos de conexão. De antemão, o reducionismo de macronutrientes, responsável por oferecer um enfoque restrito ao nutriente, desconsiderando o alimento em si e os elementos sociais da alimentação. Logo, os marcadores sociais que, de forma notória, demarcam seus lugares enquanto pessoas brancas, do sexo feminino e que possuem recursos financeiros para consumir uma refeição com filé em um café no centro da cidade. Ao pautar o alimento, é importante considerar os fatos que inauguraram a terceira década do século XXI, percebendo que a fome permanece enquanto um dos componentes estruturantes da sociedade brasileira. Na qualidade de pesquisadora, o ato corriqueiro de estranhamento se insere como estopim da pesquisa, tendo em vista que o consumo alimentar não é banalidade - sobretudo de proteína animal. Com o retorno ao mapa da fome, os hábitos alimentares se modificaram. Produtos ultraprocessados, cada vez mais baratos, tomam o lugar dos alimentos frescos e orgânicos. E, nesse sentido, o país se coloca cada vez mais distante dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS/SDG), sobretudo em relação ao ODS 2, que tem 2030 como o ano para o estabelecimento da fome zero e a melhoria da nutrição. Assim sendo, alimentação oferece um potencial grandioso enquanto objeto de estudo à reflexão das ciências humanas. A partir do estranhamento da realidade e dos dados empíricos apresentados pelos relatórios “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutrição no Mundo (SOFI)” (2021) e o “II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil” (2022), o intuito desse trabalho é analisar como a desigualdade no consumo de alimentos se relaciona com os marcadores sociais de classe, gênero e raça. Para tal fim, o percurso metodológico dessa pesquisa, que tem caráter quali-quantitativo, foi iniciado por uma revisão bibliográfica aproximando estudos da história da alimentação com referências sobre a articulação da diferença e da desigualdade, a partir de Avtar Brah e Sérgio Costa. O debate teórico foi sustentado pelos elementos quantitativos presentes nos relatórios. Ao compreender as distinções entre comida e alimento pela alegoria do quadro-moldura de Da Matta (1986), percebe-se que as diferenças são utilizadas para manter a vigência do atual sistema de produção, o qual se alimenta dos regimes de desigualdade.

Palavras-chave: Alimentação. Marcadores sociais da diferença. Desigualdades.

¹ Rocheli Koralewski. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Bolsista CAPES. O trabalho foi produzido à disciplina Seminários Avançados - Políticas da Diferença e Regimes de Desigualdade ministrada pelo Prof. Paulo Ricardo Müller no semestre 2023/1.





UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL

II MOSTRA DE PRODUÇÃO ACADÊMICA DA UFFS - XII SEMINÁRIO
DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO (XII SEPE)

II MOSTRA UFFS

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Origem: Pesquisa

Instituição Financiadora: CAPES



*ciências básicas para o
desenvolvimento
sustentável*

